



As narrativas identitárias produzidas nas políticas culturais da Região das Missões Jesuítico-Guaranis do Brasil

uma crítica ao essencialismo cultural

Muriel Pinto¹

Jardel Vitor Silva²

Eufrásia Conceição Ponce Padilha³

-
- 1 Professor adjunto e coordenador acadêmico da Universidade Federal do Pampa (Unipampa), *campus* São Borja. Doutor em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas (PPGPP-Unipampa). Vem realizando pesquisas nas seguintes linhas temáticas: Geografia social das Missões Jesuítico-Guaranis; Identidade socioterritorial; e paisagens culturais. Já publicou diversos artigos em revistas nacionais e internacionais. E-mail: murielpinto@unipampa.edu.br.
 - 2 Licenciado em Ciências Humanas pela Universidade Federal do Pampa (Unipampa). Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas (PPGPP-Unipampa). Acadêmico do Curso de Ciências Sociais- Ciências Políticas da Unipampa. Atuando em diversos temas relacionados à Cultura e à Educação Patrimonial e Políticas Culturais. Integrante do Grupo de pesquisa Laboratório de Políticas Públicas e territórios fronteiriços (Labpoliter) do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). E-mail: vitorrobalos@hotmail.com.
 - 3 Licenciada em Educação Física. Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas da Universidade Federal do Pampa (PPGPP- Unipampa). Integrante do Grupo de

RESUMO

O artigo analisa a produção de narrativas identitárias acerca do “gaúcho missioneiro” no Rio Grande do Sul, Brasil no contexto pós-Estado Novo. Esta discussão foi possível a partir do estudo das políticas públicas culturais da Região das Missões Jesuítica-Guaranis, procurando caracterizar as estratégias discursivas de tais políticas na fixação e legitimação da identidade cultural regional. A análise demonstra como as políticas culturais se constituem como elemento estratégico no processo de naturalização e fixação da identidade cultural, no caso, Missioneira. Posiciona a crítica a essa visão sobre cultura e propõe ressignificar essas narrativas identitárias a partir da dinâmica do hibridismo cultural. Trata-se de desconstruir a ideia de autenticidade cultural e demonstrar como as identidades são narradas e criadas a partir de posicionamentos políticos e relações de poder.

Palavras-chave: *Identidade missioneira. Políticas culturais. Hibridismo cultural.*

ABSTRACT

The paper analyzes the production of narratives about identity “gaucho missionary” in Rio Grande do Sul, Brazil in the post New State, from public cultural policies of the Region of the Jesuit-Guarani missions to characterize the discursive strategies in the setting of such policies and legitimacy of regional cultural identity. The analysis shows how cultural policies are constituted as a strategic element in the naturalization process and establishment of cultural identity, in this case, Missioner. Positions the critique of this view of culture and identity proposes to reframe these narratives from the dynamics of cultural hybridity. It is to deconstruct the idea of cultural authenticity and demonstrate how identities are created and narrated from political positions and power relations.

Keywords: *Missioneira identity. Culture polices. Cultural hybridity.*

pesquisa Laboratório de Políticas Públicas e territórios fronteiriços (Labpoliter) do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).
E-mail: eufrasia_ponce@hotmail.com.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem por objetivo analisar a construção das narrativas identitárias acerca do “gaúcho missioneiro” a partir dos projetos e políticas culturais desenvolvidas na região noroeste do Rio Grande do Sul, entre os anos 1930 e 2010. As narrativas identitárias, matriz sobre a qual se constroem identidades, seja cultural, étnica ou mesmo nacional, se constituem como discursos fundantes e legitimadores da cultura. As políticas culturais, nesse sentido, ao contrário de representar determinada cultura e, por consequência, identidades culturais, são agentes estratégicos na construção das narrativas que fundam, fixam e legitimam essas identidades.

Nesse sentido, inquirir a identidade cultural significa, na nossa proposta de estudo, pontuar a crítica à concepção essencialista da identidade. A análise das narrativas legitimadoras das identidades, no caso desse estudo, o “gaúcho missioneiro”, permite problematizar o processo de naturalização da cultura e seus desdobramentos numa visão cristalizada das identidades culturais.

Conforme os projetos culturais inventariados, observa-se que na década de 1990 destacou-se a execução de um maior número de projetos técnicos, principalmente relacionadas à preservação e valorização do patrimônio material do entorno dos sítios

arqueológicos da região missioneira.⁴ Na grande maioria, esses estudos estão relacionados ao planejamento do turismo e à produção cultural, fatores esses que contribuem para a criação de símbolos e estereótipos sociais.

Para dar conta da análise proposta, o artigo está estruturado em três itens que contemplam a análise das narrativas acerca do tipo missioneiro, das principais políticas culturais executadas nas missões e das estratégias narrativas das políticas culturais na região em foco. No primeiro item posicionamos a crítica ao essencialismo identitário e seus desdobramentos nas narrativas identitárias culturais. No segundo analisamos as narrativas acerca do “tipo missioneiro” e no terceiro as políticas públicas na área da cultura como elementos estratégicos de construção e fixação da identidade missioneira no Rio Grande do Sul.

Para a realização da devida pesquisa foram utilizadas as seguintes técnicas de pesquisa e instrumentos de coletas de dados: revisão de literatura; pesquisa historiográfica regional; levantamento de projetos e programas vinculados às Missões Jesuítico-Guaranis; análise do discurso das políticas culturais; análise de discurso de composições de festival musical; análise de leis e normativas vinculadas aos direitos culturais; análise de materiais de divulgação turística, como *folders* (análise de iconografias e discursos nos mesmos).

Para a interpretação das políticas culturais missioneiras realizou-se um estudo de projetos a nível internacional, nacional, estadual e regional, onde foi possível observar a inserção das Missões Jesuítico-Guaranis no planejamento cultural brasileiro. No contexto das políticas estudadas, procurou-se analisar através de projetos culturais e turísticos regionais, como são formadas as narrativas de construção da identidade missioneira.

.....
4 Atualmente estas áreas estão inseridas no Parque Histórico Nacional das Missões (PHNM). Este parque vem sendo melhor planejado em 2015, através do acordo Cooperação internacional entre Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e Instituto Andaluz de Patrimônio Histórico (IAPH), que vem desenvolvendo o projeto “Valorização das Paisagens Culturais e criação do PHNM.

A CRÍTICA AO ESSENCIALISMO IDENTITÁRIO

Do ponto de vista da narrativa mítica, as narrativas identitárias atuam para além da linguagem científica, tomando, inclusive, muito do que se considera resultado de pesquisa acadêmica, como elemento pertencente à rede de significados que constituem as identidades culturais, étnicas e sociais.

Nesse caso, vale ressaltar, que as narrativas são instrumentos poderosos na articulação entre o que se tem como “veracidades” históricas e discursos da tradição na construção do que se imagina como identidades fixadas e naturalizadas.

As narrativas missioneiras, assim como muitas outras, baseadas em trabalhos históricos, antropológicos e sociológicos, vêm instrumentalizando as categorias cultura e identidade a partir de uma perspectiva essencialista, o que no caso do gaúcho missioneiro, tem contribuído para a fixação de uma visão que vincula o gaúcho das Missões a identidade da fronteira oeste do Rio Grande do Sul.

Segundo Silva (2005), a concepção de identidade, a partir de uma matriz essencialista, legitima narrativas, pois cria condições para resistência às mudanças sociais, ou seja, justificam uma objetividade identitária, seja étnica, histórica ou genealógica.

Cuche (2002, p. 178) afirma que:

Esta representação quase genética da identidade que serve de apoio para as ideologias do enraizamento, leva à ‘naturalização’ da vinculação cultural. Em outras palavras, a identidade seria preexistente ao indivíduo que não teria alternativa senão aderir a ela, sob o risco de se tornar um marginal, um ‘desenraizado’. Vista desta maneira, a identidade é uma essência impossibilitada de evoluir e sobre a qual o indivíduo ou grupo não tem nenhuma influência.

Contrapondo estes posicionamentos essencialistas de identidade, Hall (2003) reforça que as identidades são cambiantes e, neste sentido, cabe comentar que o mundo contemporâneo vem

contribuindo para que as identidades tornem-se mais visivelmente fragmentadas e deslocadas, o que o autor atribui como contexto do deslocamento ou descentramento do sujeito moderno.

De acordo com Silva (2000, p. 12) “o próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático”, pois, se antes a modernidade credenciava as identidades como perenes, hoje tomamos as identidades como negociáveis, mutantes e fragmentadas. Para Silva (2000, p. 13),

Esse processo produz o sujeito pós-moderno, conceptualizado como não tendo identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma ‘celebração móvel’: transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam.

Como já foi observado, a construção identitária é relacional. Sua produção constitui-se por uma relação binária (nós/eles), marcada pela diferença. Woodward (2000) afirma que na construção da identidade a “marcação da diferença ocorre tanto por meio de sistemas simbólicos de representação quanto por meio de formas de exclusão social”.

Segundo Derrida (2001, p. 32):

O jogo das diferenças supõe, de fato, sínteses e remessas que impedem, em algum momento, em algum sentido, um elemento simples esteja presente em si mesmo e remeta apenas a si mesmo. Seja na ordem do discurso falado, seja na ordem do discurso escrito, nenhum elemento pode funcionar como signo sem remeter a um outro elemento, o qual, ele próprio, não está simplesmente presente.

Portanto, Silva (2000, p. 76) destaca que a diferença pode ser considerada como “um produto derivado da identidade. Nesta

perspectiva, a identidade é a referência, é o ponto original relativamente ao qual se define a diferença”.

Sendo assim, observamos que as diferenças sociais constantemente se afirmam no espaço demarcando uma identidade social e territorial, que por muitas vezes com o discurso pós-moderno da diversidade cultural, acaba por negligenciar as melhores compreensões de como se constituem as diferenças sociais.

Se contrapondo à visão essencialista, Bauman (2005, p. 85) define que:

O pertencimento e a identidade não têm solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o ‘pertencimento’ quanto para a ‘identidade’. Em outras palavras, a ideia de ter uma identidade não vai ocorrer às pessoas enquanto o ‘pertencimento’ continuar sendo o seu destino, uma condição sem alternativa. Só começarão a ter essa ideia na forma de uma tarefa a ser realizada, e realizada vezes e vezes sem conta, e não de um só tacada.

Para o autor, a pureza pode ser definida através de uma situação de ordem, isto é, cada coisa dever estar no justo lugar e em nenhum outro, “a cada época e cada cultura se tem um certo modelo de pureza e um certo padrão ideal a serem mantidos intactos e incólumes às disparidades”. (BAUMAN, 2005, p. 16)

A ideia de pureza esta vinculada ao senso comum, a conceitos pré-construídos, aquilo que acreditamos sem pensar. Nesse sentido, cabe comentar que o interesse pela essencialidade ou autenticidade da cultura surge no momento em que nota-se uma fragilidade da ordem. (BAUMAN, 2005)

Esta situação de desconfiança torna as relações sociais e culturais de forma improváveis, não harmonizadas, o que traz à tona

a improbabilidade dos acontecimentos. Fator esse que expõe a necessidade de reflexão sobre as ações globais, o que na atualidade, torna-se um dificultador para esse mundo marcado pela probabilidade e padronização dos fatos.

Hall (2003, p. 13) complementa que

a medida em que os sistemas de significação e representação cultural multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente.

Neste caso, com o passar dos anos, a identidade é definida como não sendo fixa ou estática, e sim, flutuante, detentora de mobilidade, que acaba se “misturando” com outras formas identitárias, formando novas identidades.

Como se pode observar, tanto Bauman como Hall reforçam a teoria que as identidades são cambiantes. Como defensor das identidades híbridas Bauman (2003, p. 62) leciona que:

A construção da identidade é um processo sem fim e para sempre incompleto, e assim deve permanecer para cumprir sua promessa (ou, mais precisamente, para manter a credibilidade da promessa). Na política-vida que envolve a luta pela identidade, a autocriação e a auto-afirmação são os cacifes, e a liberdade de escolha é ao mesmo tempo a principal arma e o prêmio mais desejado.

Sendo assim:

vitória final de uma só tacada removeria os cacifes, inutilizaria a arma e cancelaria a recompensa. Para evitar que isso aconteça, a identidade deve continuar flexível e sempre passível de experimentação e mudança; deve ser o tipo de identidade ‘até nova ordem’. (BAUMAN, 2003, p. 62)

Neste sentido:

A facilidade de desfazer-se de uma identidade no momento que ela deixa de ser satisfatória, ou deixa de ser atraente pela competição com outras identidades mais sedutoras, é muito mais importante do que o ‘realismo’ da identidade buscada ou momentaneamente apropriada. (BAUMAN, 2003, p. 62)

A análise das narrativas identitárias a partir da dinâmica da *hybris* permite contornar o essencialismo e as armadilhas de um multiculturalismo conservador que, mesmo reconhecendo a diversidade cultural/étnica coabitando mesmo espaço, mantém a autenticidade das fronteiras culturais. Com essa perspectiva, os elementos marcadores da diferença podem ser estudados a partir de uma relação cambiante no processo de construção de novas narrativas identitárias.

AS NARRATIVAS ACERCA DO “TIPO SOCIAL MISSIONEIRO”

A historiografia tem apresentado uma série de elementos importantes na construção das narrativas identitárias vinculadas ao tipo social das missões, elementos que constituem a base para o surgimento de discursos naturalizadores da cultura da região.

A própria história, nesse sentido, pode ser considerada um desses elementos na medida em que ela se constitui como lastro para as elaborações míticas, propiciando, ainda, a legitimação dos discursos, a partir dos quais a identidade cultural da Região das Missões pode ser criada, a partir da própria reprodução da história. Em relação às narrativas originadas da historiografia regional, observamos que muitos historiadores descrevem a história missioneira a partir de uma visão cristalizada da cultura. Os estereótipos criados por esse tipo de narrativa essencialista fixam traços identitários, como é o caso dos indígenas guarani, nativos estes

que dão sustentação a uma série de traços culturais e antropológicos da identidade da Região Missioneira.

Em relação às narrativas originadas através da historiografia regional, observamos que muitos historiadores descrevem a história missioneira através de uma visão imutável, cristalizada. Em muitos estudos se constata visões estereotipadas dos indígenas guarani, os historiadores têm se limitado, geralmente, a repetir e narrar descrições dos pensadores da época.

Quevedo (1997, p. 17) instiga pensar as missões através de uma matriz dinâmica, visto que muitas escritas expõem uma “ideia estática, de imobilidade, cristalizando, no tempo e no espaço, a ação missionária”.

O processo de construção da identidade missioneira, no entanto, não se restringe ao interior das narrativas históricas, é na exterioridade do discurso histórico que encontramos as condições de possibilidade para que a própria história regional das missões faça sentido nesse processo de construção missioneira.

O contexto dos anos 1950, no qual as narrativas identitárias regionalizadas ganharam força, como é o caso da própria alegoria acerca do gaúcho, se apresenta como um período de significativas mudanças culturais no país.

O mundo pós-guerra, com a decadência do fascismo e dos nacionalismos, sinalizava para a desarticulação dos discursos e das políticas de centralismo identitário, como fora o Estado Novo no Brasil, quando uma série de agenciamentos sobre a identidade nacional foram organizados e instrumentalizados. Exemplo dessa política centralizadora no Brasil é a própria criação do IPHAN, em 1937, no primeiro ano do Estado Novo, cujo objetivo principal era reconstruir a unidade nacional, considerada fragmentada pela herança federalista e oligárquica da República Velha.

Nesse contexto as identidades regionais subsumiram frente ao projeto nacionalista que negava a regionalização em nome de uma identidade cultural nacional. Contudo, com o fim da guerra e a

consequente desestruturação do nacionalismo varguista, a abertura para o fortalecimento de narrativas identitárias regionais foi possibilitado. Esse é o caso marcante da construção do “gaúcho” como base da identidade do Rio Grande do Sul.

O fim dos nacionalismos e o avanço do processo de globalização a partir dos anos 1970 fortaleceram esse processo de regionalização cultural. No caso das missões esse processo é interessante, pois se trata de uma dupla resposta a uma ameaça comum na época: por um lado enfrenta o “risco” apresentado pela globalização de homogeneizar as identidades provocando a perda das referências culturais; por outro, o enfraquecimento do Estado-nação, como até a Segunda Guerra era estruturado e o surgimento de uma narrativa acerca do gaúcho no Estado.

O diferencialismo missionário, portanto, reage contra uma diluição cultural mais ampla e ao mesmo tempo reage a sua assimilação à cultura do gaúcho no Rio Grande do Sul, posto isso, entendemos as condições de possibilidade para que um discurso diferencialista pudesse ser constituído.

Através deste movimento, foi organizada a noção do tipo social do gaúcho missionário como elemento-símbolo para constituição de uma identidade que se não é de todo contrastante com a do gaúcho, é, de fato, constituída por outros elementos.

Pommer (2008, p. 57) descreve a diferença do gaúcho missionário em relação ao gaúcho da campanha:

A principal diferença em relação ao gaúcho da campanha possa ser explicada pelo uso de referências ao passado reducional, apresentado para ser seu, e que elabora uma relação muito peculiar com a terra. Um exemplo de tradição, criada por esta relação está na Romaria da Terra, promoção de caminhadas a partir desta ideia.

Esta busca pela diferença das Missões em relação ao Estado, também é notada no âmbito microrregional. Em muitos discursos

e símbolos dos municípios missioneiros são expostas narrativas que demonstram uma disputa pela autenticidade da identidade missioneira. Como exemplo, citamos: Santo Ângelo: “Capital das Missões”; São Borja: “Primeiro dos Sete Povos das Missões”; São Nicolau: “Porteira do Rio Grande” e São Luiz Gonzaga: “Sepé Tiaraju – São-luizense e missioneiro”.

Em relação às simbologias, a grande maioria das municipalidades missioneiras representa o período reducional em seus brasões, inserindo elementos como a Cruz de Lorena, reduções, índios guarani, produtos da economia regional, como a erva-mate, datas de fundação das reduções, relação com as coroas espanhola e portuguesa, entre outros.

Figura 1 – Brasão do município de São Luiz Gonzaga



Fonte: Prefeitura de São Luiz Gonzaga.

Figura 2 – Brasão do município de São Miguel das Missões



Fonte: Wikipédia.

Figura 3 – Brasão do município de Santo Ângelo



Fonte: Prefeitura de Santo Ângelo.

Figura 4 – Brasão do município de São Borja.



Fonte: Wikipédia.

Neste sentido, cabe comentar que os bens patrimoniais possuem um poder de representação significativo, pois materializam e conferem significado à cultura. Podemos citar como principais elementos do patrimônio missioneiro: Monumento do Tricentenário da Redução de São Francisco de Borja; Igreja Angelopolitana de Santo Ângelo; Sítios Arqueológicos de São Miguel das Missões; de São Lourenço; de São João Batista e de São Nicolau e estatuárias religiosas do período reducional.

Como observamos, o patrimônio cultural missioneiro vem sendo utilizado como “recurso” para o planejamento do turismo do cultural. Neste sentido o turismo se constitui na região, no caso, como um convite à história, um passeio pelo tempo. A valorização dos bens patrimoniais, sua midiaticização e as políticas de preservação e educação patrimonial são estratégicas na produção e legitimação da identidade, no caso, missioneira.

As manifestações artísticas constituem outro exemplo de expressão cultural que contribui na construção das narrativas missionárias. Os componentes lúdico, dramático e onírico das manifestações artísticas produzem os nexos entre a os bens culturais materiais e

o mito. É o caso da literatura, das artes cênicas, das artes plásticas e sobretudo da música que agem significativamente no processo de essencialização e estereotipia da cultura missioneira.

Nessa direção, constantemente entra em cena diversos discursos que exaltam o tipo social do gaúcho missioneiro, a figura mítica de Sepé Tiaraju,⁵ a exaltação de lendas,⁶ a religiosidade, entre outros. Toma-se como exemplo a letra da música vencedora do 4º Canto Missineiro,⁷ realizado entre 24 e 27 de março de 2011, dos compositores Rômulo Chaves e Piero Ereno:

*Existe uma lenda no céu destes pagos
Que aos olhos da noite transcende luzeiros ...
Mas qual o motivo por trás dessa luz
A cada luar neste sul missioneiro ???
Uns falam de mitos e outros de fé,
Mas há, na verdade, uma outra razão
O amor de uma índia no adeus a Sepé
Deu novas estrelas ao céu do rincão*

A partir da análise das iconografias, das leis e dos discursos musicais, percebemos que a identidade missioneira se reproduz a partir de representações sociais que trazem, para os espaços públicos, narrativas que expõem marcadores culturais que fazem parte dos imaginários regionais. Pinto (2015), ao refletir sobre as representações identitárias missioneiras, destaca que o mundo social do missioneiro está marcado pela interação com a musicalidade e o sagrado, onde a musicalidade do chamamé destaca-se pela exposição das características sociais de um gaúcho missioneiro e pela exaltação histórica das reduções e dos nativos guarani.

.....
5 Reconhecido como “herói guarani missioneiro rio-grandense” pela Lei nº 12.032, de 2009.

6 Entre as lendas que são reproduzidas cita-se: lenda da erva-mate; lenda do milho; lenda da cobra grande, entre outras.

7 A mesma esta intitulada como “Cinco estrelas de Luz”.

AS POLÍTICAS PÚBLICAS E À CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE MISSIONEIRA

Para a interpretação das narrativas de construção da identidade missioneira inseridas nos projetos culturais regionais, realizou-se um levantamento dos principais projetos culturais executados⁸ nas Missões a partir da década de 1990.⁹

No intuito de facilitar a interpretação dos discursos, foram selecionados e analisados quatro projetos. Estes foram escolhidos conforme o período de realização.¹⁰ No caso o recorte buscou refletir sobre as demandas mais recentes, pois elas ainda possuem atividades que vêm sendo realizadas, assim como muitos de seus resultados e relatórios estão sendo reproduzidos pelos pesquisadores regionais. Outro fator considerado para a escolha das políticas supracitadas foi a integração de diversas instituições regionais na execução dos estudos.

As políticas culturais executadas na Região das Missões, na sua grande maioria foram ações propostas pelo IPHAN, em parceria com universidades regionais e órgãos internacionais. Foi a partir do Decreto nº 3.551/2000 que se instituiu o Registro de Bens Culturais

-
- 8 Entre as principais políticas culturais e turísticas desenvolvidas na região missioneira, citamos: 1) Circuito Internacional das Missões Jesuíticas; 2) Projeto Integrado de valorização dos sítios arqueológicos missioneiros; 3) Programa de Capacitação para conservação e desenvolvimento sustentável das Missões Jesuíticas dos guarani (Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai); 4) Caminho das Missões; 5) Rota Missões (início 2003); 6) Rede Regional de conhecimento do “Circuito Internacional das Missões Jesuíticas” (Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai); 7) Programa de Cooperação Técnica para roteirização Iguaçu-Missões; 8) Programa de Cooperação Instituto Andaluz de Patrimônio Histórico (IAPH) (Sevilla-Espanha) e IPHAN. Mais recentemente, ainda podemos adicionar a política dos Itinerários do Mercosul, que possui como projeto piloto o: 9) Projeto “Itinerário Cultural da Região das Missões Jesuítico-Guarani”; 10) Inventário de Referências Culturais Comunidade Mbya-Guarani em São Miguel das Missões.
 - 9 No decorrer das últimas décadas foi possível inventariar inúmeros projetos culturais, realizados pelo IPHAN, em conjunto com diversos órgãos internacionais e universidades. A década de 1990 destaca-se por possuir a maior quantidade de projetos.
 - 10 Foram definidas como fontes de pesquisa, as seguintes políticas: Programa de Capacitação para conservação e desenvolvimento sustentável das Missões Jesuíticas dos guarani (Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai); Rota Missões; Programa de Cooperação IAPH (Sevilla-Espanha) e IPHAN; *Inventário de Referências Culturais Comunidade Mbya-Guarani em São Miguel das Missões*.

de Natureza Imaterial, que o instituto começou a refletir sobre o patrimônio imaterial.

No decorrer das políticas culturais missioneiras, podemos observar que as políticas patrimoniais ainda permanecem sendo refletidas e executadas a partir de uma visão orgânica de cultura, pois como é de costume, os estudos do IPHAN procuram se “apegar” na cultura materializada para suas interpretações. É a partir do que está construído que se sustenta o discurso da própria instituição, ou seja, são os símbolos culturais que fomentam as ações de tombamento do órgão em questão.

Quadro 1– Políticas culturais missioneiras analisadas no estudo

POLÍTICA	PROPONENTES	CARACTERÍSTICAS
Programa de capacitação para conservação e desenvolvimento sustentável das Missões Jesuíticas dos guarani (Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai) ¹	UNESCO e WMF ² <i>Ano realização: 2003-2007.</i>	Principais objetivos: “estabelecer mecanismos de cooperação técnica entre os países e as Missões; capacitar os profissionais responsáveis pela conservação, gestão e desenvolvimento das Missões; identificar e formular projetos específicos intervenções prioritárias”. (WMF; UNESCO, 2005, p. 7)
Rota Missões ³	Governo Federal e Fundação dos Municípios das Missões (FUNMISSÕES). ⁴	<ul style="list-style-type: none"> - Seu objetivo era de consolidá-la como eixo de integração da Região das Missões nos setores do turismo, artesanato e agronegócio; - A primeira etapa do projeto procurou dar atenção ao conhecimento e à valorização da História das Missões, envolvendo sítios arqueológicos, museus, eventos, grupos de dança, teatro, música, palestras para empreendedores, comunidade e escolas (NOGUEIRA; BURKHARD, 2008); - A segunda etapa do Projeto Rota Missões voltou-se para a consolidação do destino Turístico Rota das Missões como instrumento para o desenvolvimento regional.
Programa de Cooperação Instituto Andaluz de Patrimônio Histórico IAPH (Sevilla-Espanha) e Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IAPH-IPHAN) IPHAN ⁵	IPHAN e IAPH	- Esse acordo envolveu quatro projetos: Levantamento de Elementos do Patrimônio Turístico-Cultural da Região Missioneira (1); Projeto para prospecção geofísica na área arqueológica de São Miguel das Missões (2); projeto de estudo das coleções escultóricas das missões (3); projeto de intervenção no Museu Lucio Costa em São Miguel. (NOGUEIRA; BURKHARD 2008) Cabe comentar que esses projetos subsidiaram a elaboração do “Guia de paisagem cultural das Missões”.

<p>Inventário de Referências Culturais Comunidade Mbya-Guarani em São Miguel das Missões⁶</p>	<p>IPHAN e MINC.</p>	<p>- Segundo Freire (2007), o levantamento foi motivado por um duplo compromisso assumido pelo IPHAN no Rio Grande do Sul: repensar seu modo de ver e representar a experiência histórica missioneira e aproximar-se dos guarani, que estão constantemente nos arredores do sítio arqueológico de São Miguel Arcanjo, buscando interpretar os sentidos de sua presença e as especificidades de sua identidade.</p>
--	----------------------	--

Fonte: elaborado pelo autor, conforme informações obtidas nos devidos projetos.

Na grande maioria dos projetos analisados observamos que eles objetivaram valorizar e preservar os sítios arqueológicos, assim como planejar a cultura como atrativos turísticos.

Neste sentido, cabe salientar que dois projetos apresentaram tais características: “Levantamento de Elementos do Patrimônio Turístico-Cultural da Região Missioneira”, (IPHAN; IAPH; URI, 2008) e o Programa de Capacitação para conservação e desenvolvimento sustentável das Missões Jesuíticas dos guarani (Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai). (UNESCO; WMF, 20005) Para uma melhor percepção desta visão essencialista inserida em tais políticas, exemplificamos alguns trechos contidos nos estudos.

No caso do Levantamento de Elementos do Patrimônio Turístico-Cultural da Região Missioneira, Villegas (2008, p. 3) descreve que:

Viver nas Missões e falar delas é rememorar os povos mágicos e cenários de natureza exuberante nos quais as comunidades têm conservado seus testemunhos nos sítios arqueológicos, ruínas, imagens sacras, utensílios, alimentos e costumes. Não entanto, falar de Missões também é falar de cidades e comunidades que foram fundadas por povos diferentes dos guarani e jesuítas. Europeus chegados ao Brasil por diversas razões e seus descendentes, que ocuparam os territórios das antigas Reduções, formaram novas comunidades que tem conservado tradições, celebrações religiosas, arquitetura,

artesanato e que por diversos fatores do tipo social, econômico e cultural estão em um preocupante processo de estagnação e alteração de sua arquitetura e estrutura urbana.

No Programa de capacitação para conservação e desenvolvimento sustentável das Missões, Hoff (2009, p. 3) ao falar sobre o patrimônio arquitetônico, salienta que:

Cabe considerar que os edifícios, conjuntos e ambientes urbanos que chegaram até nossos dias, enquanto testemunhos do passado, dão conta do desenvolvimento tecnológico, cultural, do pensamento e da concepção que nossos antepassados tiveram do mundo e da vida. Também nos mostram o modo como deram resposta as suas necessidades, tanto as básicas (abrigo, cobertura, etc.), como a outras, de segunda ordem, ligadas a funções estéticas e simbólicas.

Conforme o material de divulgação da Rota Missões¹¹ constata-se um discurso voltado para um apelo religioso e de reconhecimento do tipo social gaúcho missioneiro:

Conheça a Rota Missões. Aqui você encontrará o local da realização da utopia do cristianismo – A Terra sem Males. São atrativos ligados a história, religião, a antropologia, a arqueologia, a culinária, aos espetáculos, as caminhadas e muito mais. Tudo em perfeita harmonia com a natureza e a cultura de diversos povos que compõem o espaço, como os Guarani, os alemães, os poloneses e italianos compondo o tradicional gaúcho missioneiro. (ROTA MISSÕES, 2011)

No contexto das políticas culturais missioneiras, foram raras as interpretações e ações que visam estudar e analisar a construção da

.....
11 Ver folder turístico Rota Missões.

identidade regional. Em muitos projetos realizados pelo IPHAN, a identidade é tratada como “dada”, *a priori*, nos estudos patrimoniais, ou seja, os técnicos do instituto legitimam a construção identitária. A partir deste cenário percebemos que a cultura regional é percebida através de uma percepção imutável, verdadeira, essencializada, autêntica.

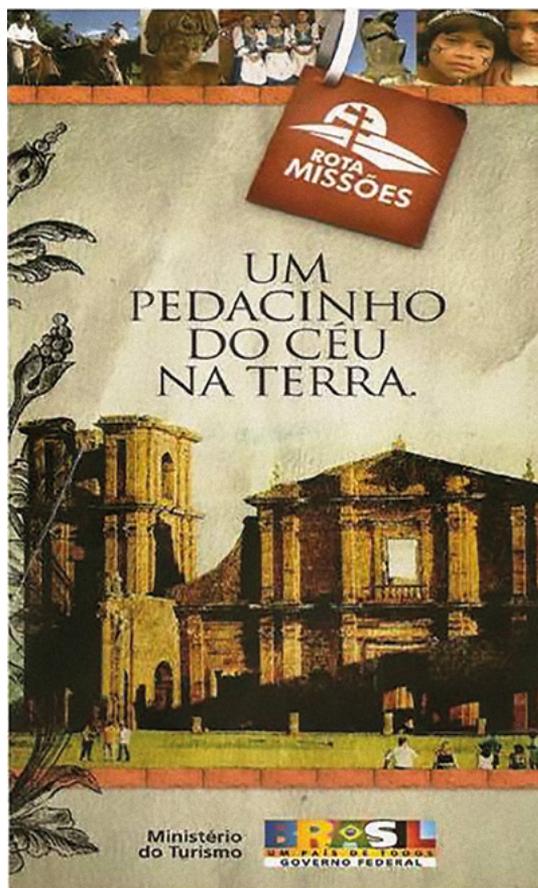
Dentre as políticas culturais missioneiras estudadas, apenas dois projetos se preocuparam em interpretar a identidade regional: o “Inventário de Referências Culturais Comunidade *Mbya-Guarani*, em São Miguel das Missões” e “Levantamento de Elementos do Patrimônio Turístico-Cultural da Região Missioneira”.¹²

No caso do inventário de referências culturais comunidade *Mbyá-guarani*, tal projeto foi elaborado através de dois objetivos básicos: “repensar o modo de ver e de representar a experiência histórica missioneira”; e “aproximar-se dos Guarani que hoje freqüentam o Sítio de São Miguel Arcanjo”. Neste estudo o IPHAN (2007) enfatiza que o devido inventário procurou auxiliar na diversificação da identidade regional.

No que diz respeito à construção de estereótipos regionais como estratégia de gestão do turismo, destacamos três projetos: Rota Missões, Caminho das Missões e Levantamento de Elementos do Patrimônio Turístico-Cultural da Região Missioneira.

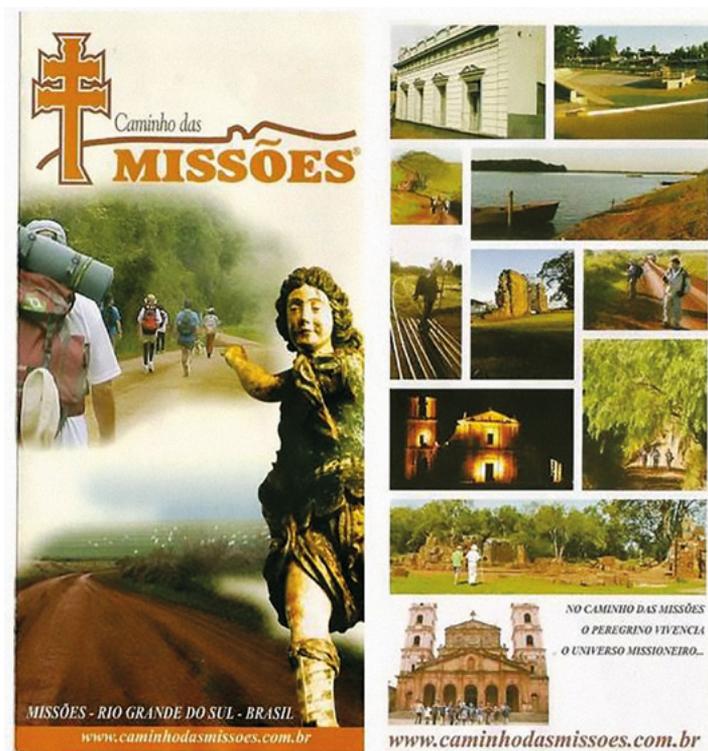
.....
12 Projeto inserido no Programa de Cooperação IAPH (Sevilla-Espanha) e o IPHAN.

Figura 5 – Folder turístico Rota Missões



Fonte: Rota Missões (2011).

Figura 6 – Folder turístico do Caminho das Missões



Fonte: Caminho das Missões.

No decorrer dos projetos, foi possível identificar diversas estratégias que o turismo regional vem utilizando para consolidar a identidade regional. Nas figuras expostas neste artigo, podemos observar algumas representações culturais que contribuem para a construção de narrativas identitárias missioneiras, como:¹³

- ❖ Valorização da diversidade cultural regional;
- ❖ Hibridização da identidade missioneira com as identidades europeias regionais;

.....

13 Na Figura 5 observamos várias etnias que atualmente colonizaram a região (valorização da diversidade cultural). A hibridização da identidade missioneira com as identidades europeias também esta representada na Figura 5. A exaltação regional mística e espiritual esta representada nos dois *folders* que marca a fé e contato com espaços sagrados.

- ❖ Exaltação das Missões como região mística, espiritual e religiosa;
- ❖ Diferenciação da identidade missioneira em relação à identidade gaúcha.

Conforme os projetos culturais, a região das Missões é exposta como uma área unificada culturalmente. Essa percepção acerca da homogeneidade cultural da região não resiste a uma análise mais detalhada. Seria mais interessante falar em narrativas que constituem identidades missioneiras, pois o que se constata nesse estudo é que não se trata de uma região homogênea, mas sim constituída por uma série de discursos sobre a identidade que inclusive contrastam entre si. No caso, os municípios que compõem a região, disputam pela autenticidade identitária: “quem é mais missioneiro”? Na sequência, foram expostos alguns trechos de projetos que comprovam a exaltação do discurso essencializado da identidade missioneira:

Projeto Levantamento de Elementos do Patrimônio Turístico-Cultural da Região (Etapa Evolução e diagnóstico dos recursos de interesse patrimonial das missões- 2006).

Mas viver nas Missões e falar delas é rememorar os povos mágicos e cenários de natureza exuberante nos quais as comunidades têm conservado seus testemunhos nos sítios arqueológicos, ruínas, imagens sacras, utensílios, alimentos e costumes [...]. Muitas destas cidades possuem uma memória arquitetônica apreciável e pouco conhecida, um grande patrimônio de construções do final do século XIX e primeira metade do século XX, com exemplares de várias linguagens arquitetônicas. Um acervo que merece ser conservado assim como tem sido preservado o patrimônio Jesuítico-Guarani, por ser ele a continuidade da história das Missões no Rio Grande do Sul. (IPHAN, 2007)

Projeto Rota Missões (2011, grifo nosso)

Conhecer a região missioneira e sua história é uma verdadeira viagem ao tempo, a magia e aos mistérios desta terra. É poder reviver a saga dos primeiros padres da Companhia de Jesus, os jesuítas, que em 1609 atravessaram o mundo para conviver com os índios Guarani, dentro dos princípios da fé cristã.

Programa de Capacitação para conservação e desenvolvimento sustentável das Missões Jesuíticas dos guarani (Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai)

O objetivo da iniciativa era estabelecer um ponto de partida para desenvolver padrões para a preservação destes monumentos, assim como uma estratégia comum de desenvolvimento do turismo. Partindo da visão de que se deveria tratar as Missões Jesuítica-Guarani como um conjunto.(UNESCO; WMF, 2005)

A partir dos trechos acima, constatamos que tais políticas valorizaram a exaltação da utopia religiosa e do patrimônio material regional. Com tais atitudes, as devidas ações acabam tornando prioridade diversos conceitos e interpretações sobre as Missões. A partir de tais metodologias são valorizados os conceitos cristalizados que são afirmados através dos sítios arqueológicos, que conforme o próprio WMF devem preservar a autenticidade missioneira. Sendo assim, percebe-se que os bens imateriais são pouco estudados, fator que comprova a falta de interesse em analisar a construção identitária regional, uma vez que estes elementos expõem como a cultural regional é produzida e representada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da interpretação dos projetos culturais executados na região das Missões, foi possível observar que as narrativas acerca do tipo missioneiro apresentam conceitos estereotipados da

história reducional, em que a cultura missioneira é vista através de uma ótica naturalizada.

A maior execução de projetos no entorno do chamado Parque Histórico Nacional das Missões, justifica-se no que diz respeito aos sítios arqueológicos possuírem uma maior quantidade de artefatos histórico-culturais relacionados ao período reducional. Esta afirmação possibilita refletir como que se autossustenta o discurso do IPHAN nas missões, pois a instituição não reflete sobre a cultura e construção da identidade regional, pois considera a mesma como “dada”, como algo natural.

Importa ressaltar que a pesquisa apontou para outro olhar sobre a identidade missioneira, não mais naturalizada a partir de estereótipos culturais, o que se evidenciou foi uma pluralidade de narrativas que não permitem apontar para uma identidade em si, mas para uma dinâmica identitária.

Ao posicionar a crítica ao essencialismo das políticas culturais na região missioneira, pode-se desnaturalizar a autenticidade da identidade regional e apontar a diferença, a mobilidade e a troca. A própria disputa pela autenticidade entre os municípios acabou por possibilitar a explicitação da alteridade. Não uma “cidade mais missioneira”, mas relações de poder que implicam legitimar identidades. Nas Missões, o turismo tornou-se, nos últimos anos, um instrumento que busca integrar a região e expor a identidade missioneira como homogênea. Por mais que diversos esforços sejam feitos em busca da exposição de uma identidade integrada, como é o caso do projeto Rota Missões, visualiza-se nas narrativas microrregionais, diferentes tipos de narrativas identitárias acerca do chamado tipo missioneiro.

Vale ressaltar que nos últimos anos a partir dos acordos de Cooperação entre IAPH de Sevilha-Espanha e IPHAN, que vem realizando diversas ações na região histórica das Missões Jesuítico-Guaranis do Brasil, (a partir de 2006), se passa a pensar a região para além dos sítios arqueológicos, mas sim a partir das geografias

vividas e suas relações com territórios sagrados, ou seja, a escala de interpretação socioespacial da região torna-se mais complexa, pois envolve estudos de análise territorial e mais subjetiva através das paisagens culturais.

Neste sentido nos últimos anos vem se realizando novos acordos de cooperação de entre o governo espanhol e brasileiro no sentido de criar o Guia das Paisagens culturais e o Parque Histórico Nacional das Missões (PHNM). Autores com Muriel Pinto, Fernando Rodrigues, Rodrigo Maurer, Jardel Vitor Silva, Alex Retamoso vem pensando este novo cenário principalmente no que toca aos estudos sobre as paisagens culturais, planejamento territorial e educação patrimonial para a fronteira missioneira São Borja-Brasil/Santo Tomé-Argentina, reflexões estas que instigam uma nova governança territorial e uma reflexão que valorize e melhor compreenda os territórios de vida da região.

Neste sentido, a reflexão sobre as narrativas identitárias geradas nas políticas públicas e nas iconografias dos materiais turísticos reforçam e legitimam objetivos de valorizar elementos culturais materializados no espaço, deixando de compreender como a cultura imaterial regional vem dando sustentação para a constituição de uma identidade tradicional regional, que se enraíza através da arte, da música e religiosidade.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Z. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- BAUMAN, Z. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Tradução de Carlos Alberto de Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- BAUMAN, Z. *O mal-estar da pós-modernidade*. Tradução de Mauro Gama e Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- BRASIL. Decreto nº 3.551, de 4 de agosto de 2000. Institui o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro, cria o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial e dá outras

- providências. In: PATRIMÔNIO Imaterial: o registro do patrimônio imaterial: dossiê final das atividades da comissão e do grupo de trabalho patrimônio imaterial. 4. ed. Brasília, DF: Ministério da Cultura, 2006.
- CHAVES, R.; ERENO, P. *Cincos estrelas de luz*. Apresentado ao VI Festival Canto Missioneiro, Santo Ângelo, 2011.
- CUCHE, D. *Noção de cultura nas ciências sociais*. Bauru: EDUSC, 2002.
- DERRIDA, J. *Posições*. Tradução de Tomáz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomáz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes de Louro. 8. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- HOOFF, H. V. Apresentação. In: WORLD MONUMENTS FUND – WMF; UNESCO. Manual básico de conservação para as Missões Jesuíticas dos Guarani. 2009. p. 9. Disponível em: <<https://www.wmf.org/sites/default/files/article/pdfs/Jesuit%20Mission%20Manual%20Reduced.pdf>>. Acesso em: 2 out. 2015.
- INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (Brasil) – IPHAN; IAPH; UNIVERSIDADE REGIONAL INTEGRADA – URI. *Levantamento do Patrimônio Cultural e Natural da Região das Missões*. Santo Ângelo, 2008.
- INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (Brasil) – IPHAN. *Taba Miri São Miguel Arcanjo, Sagrada Família Aldeia de Pedra: os Mbyá-Guarani nas Missões*. Porto Alegre, 2007.
- NOGUEIRA, C; BURKHARD, D. Políticas Públicas de Turismo para o Desenvolvimento Local/ Regional as Missões Jesuítico-Guarani. *Revista Eletrônica de Turismo Cultural*, São Paulo, v. 2, n. 22, p. 1-16, 2008.
- UNESCO; WORLD MONUMENTS FUND – WMF. *Programa de Capacitação para conservação e desenvolvimento sustentável das Missões Jesuíticas dos Guarani (Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai) (2003-2005): terceiro curso*. Paraguai, 2005.
- PINTO, M. *A identidade socioterritorial missioneira na cidade histórica de São Borja: as hegemonias de poder sobre uma identidade tradicional enraizada entre as antigas reduções Jesuítico-Guaranis*. 2015. 367 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2015.

PINTO, M.; JUNGTON, D.; SILVA, J. Educação patrimonial e o ensino do patrimônio cultural missioneiro na cidade histórica de São Borja-RS. *RUM*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, jul. 2015.

POMMER, R. *Missioneirismo: a produção de uma identidade regional*. 2008. 326 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade do Vale dos Sinos, 2008.

QUEVEDO, J. *As missões: crise e redefinição*. São Paulo: Ática, 1997.

ROTA MISSÕES. *Informações sobre produtos culturais e turísticos da região das Missões*. Santo Ângelo, 2011.

SILVA, M. L. Identidade Cultural e alteridade: uma crítica ao essencialismo. In: V FÓRUM NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 5.; SEMINÁRIO REGIONAL DE EDUCAÇÃO BÁSICA, 8., [Santa Cruz do Sul?]. *Anais...* Santa Cruz do Sul: UNISC, 2005.

SILVA, T. T. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T. T. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Editora Vozes, 2000. p. 12–21.

VILLEGAS, M. *Evolução e diagnóstico dos recursos de interesse patrimonial da Região das Missões*. Santo Ângelo: Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, 2008. Disponível em: <<http://www.urisan.tche.br/~iphan/upload/downloads/file669.pdf>>. Acesso em: 10 ago. 2016

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 133.

UNIVERSIDADE REGIONAL INTEGRADA – URI. *Patrimônio Cultural da Região das Missões*. Erechim, RS, [20--?]. Disponível em: <<http://www.urisan.tche.br/~iphan/?module=section&action=read&id=apresentacao>>. Acesso em: 11 out. 2017

NOTAS

1. Este Programa objetivou formar gestores locais dos sítios no que tange à conservação, documentação, gestão e desenvolvimento do turismo. Além de oficinas multidisciplinares, o programa de capacitação incluiu um curso prático de

conservação, concebido para formar pessoal local em metodologias de intervenção arquitetônica, visando melhorar as técnicas de manutenção que se executavam nos sítios, assim como para formar profissionais responsáveis ou interessados na gestão das Missões a partir de diferentes referências para sua preservação. Ao longo de cinco anos de oficinas, cursos de conservação e projetos de intervenção *in situ*, a equipe técnica desenvolveu um embasamento conceitual e metodológico e os procedimentos técnicos correspondentes para a conservação das Missões Jesuíticas dos Guarani da América do Sul. Como principal resultado do mesmo além das oficinas foi publicado um manual básico de conservação para as Missões Jesuítico-guarani.. (WMF; UNESCO, 2009, p. 8)

2. *World Monuments Funds*: órgão internacional responsável pelo financiamento de projetos de valorização e preservação do patrimônio.
3. Este projeto objetiva a potencialização turística de 26 municípios do Rio Grande do Sul que estão regionalizados no Corede Missões e Fronteira. Através deste projeto busca-se valorizar e apresentar as diversidades culturais e religiosas, assim como os atrativos turísticos para visitação. Sendo assim, o busca respeitar a herança dos antepassados e melhor organizar a trade turística para expandir o roteiro turístico das Missões Jesuítico-guarani. Ressaltamos que a rota missões une os antigos caminhos da antiga província jesuítica do Paraguai, hoje distribuídos pelas fronteiras do Mercosul. (ROTA MISSÕES).
4. Fundação dos Municípios das Missões.
5. O programa estabeleceu relações de cooperação de caráter científico, tecnológico, formativo e cultural entre esses Institutos, em relação à documentação, à conservação, à formação e à difusão do patrimônio histórico da Região das Missões. O objetivo do IPHAN ao solicitar a colaboração do IAPH é preparar a Região para o uso turístico-cultural numa perspectiva sustentável. Para tanto foram realizadas pesquisas

de campo em 27 municípios que compõem a região Histórica das Missões Jesuítico-Guarani localizadas no estado do Rio Grande do Sul-Brasil. Na primeira etapa em estudos foram realizados levantamento dos elementos do patrimônio arquitetônico e da infra-estrutura turística, a evolução histórica dos municípios a partir do período pós-jesuítico e a oferta do artesanato regional. (URI; IPHAN, 2006)

6. O devido inventário foi iniciado no município de São Miguel das Missões-RS, patrimônio Mundial da Humanidade. Os espaços de realização do devido projeto foram aldeias e acampamentos *Mbya Guaranis*, as devidas ações objetivaram uma melhor compreensão sobre os sentidos atribuídos ao patrimônio missioneiro. O programa visava a execução de projetos para a continuidade do Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC) do povo guarani Mbyá, cujo objetivo é realizar a identificação do patrimônio cultural dos guarani Mbyá, com a aplicação do Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC), um instrumento desenvolvido pelo IPHAN para produção de conhecimento e documentação acerca dos bens e práticas sociais que constituem patrimônio cultural dos diversos grupos formadores da Nação. (IPHAN, 2007)